



Trauma e Memória nos Contos de Deolinda da Conceição

MÓNICA SIMAS*

“Não há complexidade étnica sem fricção étnica.”

(João de Pina Cabral e Nelson Loureiro,

Em Terra de Tufões. Dinâmica da Etnicidade Macaense)

No século xx, a repercussão dos conflitos históricos incidiu, várias vezes de maneira brutal, sobre seres menos privilegiados, aterrorizando a expectativa da afirmação de diferenças na construção de identidades culturais. Uma das contribuições de Homi Bhabha para a revisão dos estudos coloniais está em identificar o problema da identidade como um questionamento persistente da representação onde a imagem é sempre confrontada pela sua diferença e onde revelações profundas do momento de estranhamento podem especificar a possibilidade de se redesenhar o espaço doméstico como uma espécie de individualização do poder e da polícia modernos.¹

Foi justamente no mergulho da descoberta de seres em estado de excepção que a escritora Deolinda da Conceição² criou, nos seus pequenos contos, um espaço para memória, espaço doméstico em lugar fronteiriço das complexas inquietações causadas pelas tormentas históricas, denunciando a angústia que a Guerra do Pacífico projectou sobre Macau e a vivência do trauma. O livro *Cheong-Sam: A Cabaia*,³ colectânea de contos que a escritora escreveu para o jornal *Notícias de Macau*, está carregado de imagens perturbadoras que afirmam a luta pela sobrevivência e existência, principalmente das mulheres chinesas numa Macau caoticamente fragilizada.

Não se sabe exactamente porque esta cidade, ao contrário de outras do Sudeste Asiático, não foi invadida pelos japoneses. Fontes japonesas afirmam que Macau constituía uma base estratégica para a colecta de informações sobre a Inglaterra e os EUA; outras fontes referem o facto de que o Brasil teria feito pressão a pedido do governo português, ameaçando tomar medidas contra os imigrantes japoneses.⁴ De qualquer modo, mesmo neutra, Macau sofreu diversas acções coercitivas por parte do Japão e uma série de pressões da China, da Inglaterra e dos EUA. Sendo esta a única zona no Pacífico “livre” da guerra, as prósperas actividades de exportação e importação permitiam a um reduzido grupo de pessoas acumular fortunas em pouco tempo. Os tráficos de drogas, armas e ouro foram negócios que também garantiram os rendimentos de grupos que se aproveitavam da miséria generalizada. Em Macau instalava-se a psicose da guerra e aumentava a sensação de claustrofobia. O drama da guerra preencheu a cidade com cenas de atentados, espionagem, ameaças de invasões, fome, canibalismo e miséria.⁵

Nesse cenário, Deolinda da Conceição abre o pano – limite entre a expressão de lucidez e a codificação da loucura –, dando passagem à emergência de existências em estado de excepção e à visibilidade da capacidade de resistência, impingida nas fatalidades decretadas dos confrontos nacionalistas. Assim, em “*Cheong-Sam*”, conto matriz-título de seu livro, ouve-se o grito de A-Chung, que rompe “o silêncio da noite”, por se sentir perseguido pela cabaia da mulher que matou, como uma vingança contra o seu crime.

* Licenciatura, Mestrado e Doutoramento pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, lecciona Literatura Portuguesa na Universidade de São Paulo.

Degree, MA. and Ph.D. from the Pontifícia Universidade Católica in Rio de Janeiro; lecturer in Portuguese at the University of São Paulo (Brazil).

LITERATURA

“– Tirem-mo da frente, rasguem esse *cheong-sam* que me persegue, lancem-no ao fogo. Maldita coisa essa que parece rir-se de mim, que parece ter vida ainda, a vida daquela... que eu matei. Ah! Está morta e bem morta, mas vingá-se desta maneira, perseguindo-me com o seu *cheong-sam*..., mas hei-de rasga-lo e faze-lo em farrapos, como o fiz a ela. – Cala-te, A-Chung, e acalma-te. Não vês que não há aqui *cheong-sam* nenhum? Estás doido, homem? Dorme e amanhã falaremos. Agora o que não podes é causar distúrbios. Os outros presos precisam de descanso, se tu o dispensas.”⁶

A cabaia da mulher morta é ícone de um discurso que habilita a memória do aniquilamento; reflecte a ausência da voz, calada pela violência mas ecoando no sonho, habitando a inscrição fronteira da realidade, interrogando os motivos da sua fatalidade. Sobre o horizonte escatológico da perspectiva de vingança, surge a pergunta: “Mas... esse crime seria realmente seu?” A história de A-Chun e Chan Nui (a mulher morta) enquadra-se no rompimento dos moldes tradicionais da cultura da família chinesa, na ruptura da submissão

de destinos levada ao extremo no jogo cujas regras a guerra determina.

Um primeiro rompimento de Chan Nui refere-se à sua insistência em conhecer o “novo mundo” antes da consumação de sua união com A-Chun, desencadeada por circunstâncias familiares que participam “das velhas tradições do seu país”.

“Os jovens aceitaram, submissos, a determinação paterna e tornaram-se noivos sem, contudo, cultivarem mais intensamente as suas relações sociais. Dentro de três anos devia realizar-se o seu casamento, com pompa que as duas fortunas impunham.”⁷



Deolinda e o marido na redacção do *Notícias de Macau*.



LITERATURE

Dois anos depois, A-Chun percebe que regressara do “mundo novo” uma mulher que “não seria nunca igual às mulheres que o rodeavam”. A iniciação extraterritorial de Chan Nui implica a apropriação dos códigos da sociedade moderna ocidental. A sua despersonalização, transforma-a numa estranha à velha moldura tradicional.

“Era decidida, falava-lhe de igual para igual, sem servilismo, independente, tomando resoluções imediatas sobre a forma de se conduzir, de se manter na sociedade dos estranhos.”⁸

A sua estranheza encanta e codifica-se na “cabaia elegante”, “estilizada” como um mecanismo de atracção e desejo, “a delinear graciosamente os contornos sedutores do seu corpo sinuoso”. Mas também cria receio, suspeita, um sentimento de inferioridade em A-Chun. Os dois tinham modos contrastantes e a guerra dispara as suas discordâncias.

“Chan Nui revoltou-se. Não estava disposta a aceitar aquele fim para si, muito menos para os seus filhos. Gritou ao marido a inconsciência que o dominava, a sua cobardia, o seu comodismo.

Sim, era cómodo morrer e deixar morrer os pequeninos, pois não teria que lutar, que fazer frente à vida, às dificuldades e ao horror daquela situação. Gritou-lhe a sua revolta e o seu desprezo, toda a desilusão da sua vida de se ver acorrentada a um ser como ele, desprovido até de sentimentos paternais, e jurou que enfrentaria o destino, a guerra, o inferno para que os filhos não sofressem mais fome.

Que lhe importavam os preconceitos, as tradições, a decência, a dignidade e tudo quanto faz parte da vida normal, se aquela que viviam fugia a todas as regras que conhecera até ali?”⁹

A luta contra o aniquilamento da guerra não só modifica as relações de Chan Nui e A-Chun, mas traz visibilidade ao estado de excepção que funciona como regra da sociedade. Com a sua cabaia, Chan Nui emprega-se nos *dancings* da cidade, enquanto A-Chun passa a cuidar dos filhos. Entre o mundo outro que Chan Nui passa a habitar e a realidade doméstica cria-se um abismo, uma distância incomensurável expressa por um silêncio entre ambos que se tornava “cada vez

Toda a redacção, direcção e tipografia do *Notícias de Macau*.



LITERATURA



Almoço da redacção do *Notícias de Macau* no desaparecido Hotel Riviera.

mais profundo, mais longo”. A revolta de A-Chun contra a mulher, com a cabaia, aumenta conforme a distância de Chan Nui. Finalmente, a ruptura total da esfera doméstica, através do deslocamento para outra cidade, precipita o confronto radical entre a tentativa de A-Chung de fazer a esposa regressar e o desejo dela de escapar das fronteiras de submissão e miséria. “*Cheong-sam*” é índice de fatalidade. “*Cheong-sam*” é um grito. “*Cheong-sam*” é a cabaia, que inscreve o espaço da representação num questionamento persistente; é índice de transculturação; é também a marca do feminino, assegurando a fronteira do lar e sendo metáfora do desejo. “*Cheong-sam*”, signo polimorfo inscrito nos contos de Deolinda da Conceição, assegura representações subjugadas na linearidade histórica, desdobrando-se na cruel mutilação repetida nas histórias violentas das mortes e dos sofrimentos humanos. Nessa situação encontram-se a mulher com o filho atado às costas e contorcendo-se desesperadamente, sem lhe poder matar a fome, no conto “Arroz e lágrimas”; a filha do comerciante chinês, sequestrada e morta, em “Vingança desumana”;

a mulher que emigra com o filho, abandonando o marido viciado no jogo e na conquistas de mulheres, em “Conflito de sentimentos”; a mulher pobre que perde uma filha e tem que entregar os outros a uma família que os possa criar, em “Aquele mulher”; Anui, empregada de uma família portuguesa, que é atropelada ao sair da loja, à qual tinha ido comprar sapatos novos com o dinheiro que conseguira juntar, no conto “Os sapatinhos bordados da Anui”; Vong Mei, que encontra o casamento no mundo das almas, em “O casamento de Vong Mei”; Cuai Mui, vendida várias vezes e que ganha um prémio na loteria já nos seus últimos dias, em “O sonho de Cuai Mui”; Cam Lin e seu filho, ambos assassinados pela inveja da primeira esposa do pai, em “Dinheiro maldito”; o suicídio de A-Lin, a filha de um comerciante que seria usada como instrumento de vingança do pai contra o seu sócio, em “A vingança de A-Lin”, a mulher que fica louca depois de passar pelas privações da guerra, em “A louca”; ou ainda a mulher que “olhava abstracta o horizonte distante, com um olhar desvairado, cheio de perguntas sem respostas”, em “Fome”.

LITERATURE

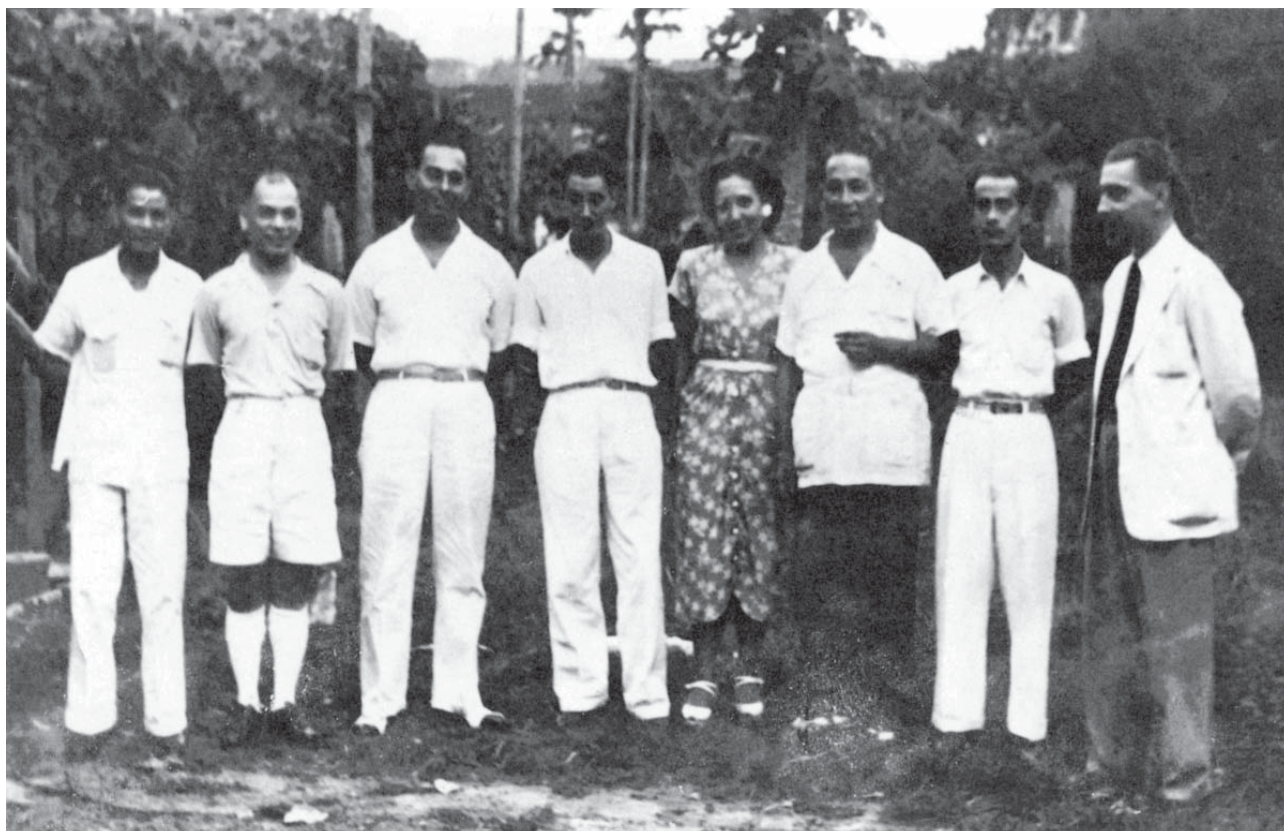
O horizonte dessas imagens, de uma repetição devastadora da violência, ressoando no “oásis de paz”, na “terra privilegiada” que foi Macau durante o tempo da guerra, é também fronteira enunciativa de imagens afirmativas da vida, da solidariedade e da resistência ao aniquilamento. É nesse sentido que o conto “O romance de Sam Lei” ilustra a reacção da mulher frente à desilusão amorosa – uma aprendizagem rumo à independência; que Daphne, de “O modelo”, enfrenta com firmeza o destino depois de ter o rosto deformado por causa de um incêndio; que Cuai Mui entrega à filha o prémio e a memória da sua vida, com o fim de lhe garantir um destino melhor, em “O sonho de Cuai Mui”; que Mei Fong escapa da profecia maligna, da predestinação fatalista, em “A profecia que se não realizou”; que os soldados nipónicos ajudam uma mãe chinesa a parir, em “O desabrochar duma vida nova”; que a feiticeira consegue firmar-se na aldeia com dignidade, em “A feiticeira”; enfim, que a criança, mesmo estando só, depois da morte da mãe continua “a vida que a chamava com

o seu canto de sereia...”. No meio à provocação de Deolinda da Conceição para uma revisão do juízo ético e da representação da iniciação extraterritorial está o seu olhar intérprete, preocupado em revelar as relações dos portugueses com este mundo “outro” de Macau – o universo chinês.

Em “O calvário de Lin Fong”, Deolinda da Conceição constrói a representação da desesperada espera de uma chinesa “operária analfabeta” por um “*sai iong cuai*” (demónio europeu, significando o português) que partira, com outros soldados, para o “*Sai Iong* tão distante” (Portugal). A incerteza diante do futuro, a possível falta de um “projecto de matrimónio” e de um reconhecimento do filho que espera, precipitam-na no medo de uma futura discriminação, “das consequências que sofreria”. O “calvário” ou “a dor intensa da dúvida” da chinesa Lin Fong exhibe o comprometimento da valoração concedida à mulher, na sociedade macaense da época, com um projecto de matrimónio.

Em “A esmola”, Deolinda vai mais longe e fabrica o processo subjectivo de uma experiência estigmatizante

Da esquerda para a direita: Patrício Guterres, Luís Gonzaga Gomes, Adelino da Conceição, Cassiano da Fonseca, Deolinda e António da Conceição, José dos Santos Ferreira e Hermann Machado Monteiro.



LITERATURA

de auto-reconhecimento de um macaense, fruto de um casamento interétnico. O conto desenvolve-se na duração da despedida de um jovem estudante, que viaja com o fim de continuar os seus estudos. Na agitação do cais, confronta-se com a própria configuração do espaço social, que fende a sua presença e se reflecte sobre a sua identidade como uma sombra.

“O olhar agudo percorreu aquela multidão que se tornava mais volumosa pela estreiteza dessa ponte onde o barco se encontrava atracado. Viu os seus colegas, alguns professores, os poucos amigos que o pai contava e franziu o sobrolho com a presença de certas pessoas que um intuito mesquinho, e não a amizade, ali tinha levado. Sentiu-se envilecido com aquele atentado contra a sua dignidade de homem, ferida desde os tenros anos, quando compreendera a diferença que existia entre ele e os outros companheiros. Esse sentimento fora o móbil principal que o impelira a trabalhar afincadamente, a passar longas horas metido entre os seus livros, a abdicar dos seus direitos de criança para pensar apenas naquele sonho encantador de se libertar daquela situação humilhante.

Feria-lhe a alma a injustiça do destino. Porque teria ele nascido naquelas circunstâncias, se a Natureza lhe havia de conceder uma inteligência superior e a consciência do seu triste fado? Perguntava-se várias vezes se conseguiria algum dia fugir ao ambiente que o deprimia, se acabaria por se subtrair à sombra que pesava sobre ele, à sombra vergonhosa dum bastardo? Mas...não se sentia culpado, e sofria com a revolta que agitava todo o seu ser. O pai, sabia-o ele, tinha vindo de longe, da velha Europa, desiludido da vida, amargurado e desesperado, para esconder a sua dor e talvez a sua humilhação naquele ponto distante da China. A mãe era aquela pobre mulher chinesa, ignorante, de pé descalço, sem mais ligeira noção de educação, que o pai levava para casa um dia e ali se encontrava ainda numa situação indefinida, não se sabia se de serviçal, se de mulher sem a defesa do matrimónio, mas sabia que era sua mãe, e mãe que ele amava no seu íntimo e de quem se envergonhava na sociedade, a mãe com quem não gostava de ser visto e que o não compreendia, a mãe que o gerara, o criara e amamentara, mas que lhe batia nos momentos

de mal contida cólera e cuja falta de educação lhe permitia gritar-lhe todo o seu aborrecimento e as suas acusações, quando ele, na sua criancice, tinha maldades que a contrariavam.”¹⁰

O ressentimento diante da sua autodefinição, forçando-o a fazer a pergunta que circunda o eixo de sua identidade – “Porque teria ele nascido assim? Porquê? Porquê?” –, busca a emancipação da sombra do seu rosto na distância das faces outras que o perturbam. No entanto, a busca da distância dessas faces inclui, não apenas a distância física do seu meio social, mas também o afastamento da mãe, o desejo de uma exclusão dessa origem que representa uma situação desprivilegiada. A esmola que é dada à mãe, quando esta se aproxima para se despedir do estudante, é encenação da violência da exclusão que o estranhamento de si mesmo gera. A situação negativa de incompreensão étnica traduz também uma das vertentes do discurso sobre as origens do macaense. Cabral e Lourenço repararam que as vertentes do discurso sobre as origens que apoiam a construção da identidade étnica macaense correspondem a duas propostas: uma depreciativa, segundo a qual só os sectores menos valorizados da sociedade chinesa estão na base da miscigenação e outra, prestigiante, segundo a qual a miscigenação teria ocorrido essencialmente entre portugueses e mulheres malaias, japonesas e indianas, só ocorrendo com mulheres chinesas em tempos mais recentes.¹¹ Segundo a investigação dos autores, ambas as versões têm valor verídico e não são contraditórias. O facto da primeira proposta ser considerada depreciativa e a segunda prestigiante exhibe o preconceito em relação à miscigenação chinesa, presente inclusive no discurso dos seus descendentes, sendo alterado só a partir das últimas três décadas do século xx.

Concluindo, é evidente que contos de Deolinda da Conceição são uma porta aberta à complexa compreensão cultural de um território envolvido em conflitos diversos disparados pela guerra, mas também que envolvem as rotas feitas de águas tempestuosas das relações que o Império português formou. Por isso, se é verdade que o termo “colónia” não é próprio para definir o estatuto político do território, já que a questão da soberania de Macau só foi, de facto, esclarecida nos anos de transição, por outro lado, os contos de Deolinda vão na mão da crítica (pós) colonial, já que, entre 1887 e 1987, Macau teve uma administração colonial, criou

arenas comunitárias com claras distinções étnicas e culturais que favoreceram o capital da portugalidade, a demarcação de fronteiras e também preconceitos.

Como mostra Ana Mafalda Leite, em *Literaturas Africanas e Formulações Pós-Coloniais*, a crítica pós-colonial não pode ser entendida no sentido estrito aos países recém-independentes e num contexto cronológico, mas se define como aquela em que “considera as formas e os temas imperiais caducos, e esforça-se por combater e refutar as suas categorias, e propor uma nova visão de mundo, caracterizado pela coexistência e negociação de línguas e culturas”.¹² Dessa forma, ao dar visibilidade a questões tão complexas, ao contribuir para uma memória que, muitas vezes, se torna incômoda e que tende a ser esquecida ou escamoteada, através das suas personagens tão “vivas”, Deolinda da Conceição antecipou em muitos anos, uma visão que teve a coragem de denunciar a ideologia colonialista e que frustrava, com certeza, concepções

bastante arraigadas do seu tempo. Não a toa, o grande crítico literário francês Tzvetan Todorov

“mostra que o homem arrancado de seu meio aprende a não confundir o real com o ideal, o cultural com o natural, e, superando o ressentimento pela hostilidade de seus anfitriões, descobre a tolerância, ao mesmo tempo que deflagra neles o processo de “estranhar-se” e a compreensão de que “somos todos híbridos.”¹³

Nem sempre é preciso ser arrancado do seu meio. Às vezes, é fazendo-se estrangeiro em seu meio que a consciência sobre a historicidade da sua própria comunidade pode se dar de forma profunda. **RC**

Nota da autora: Este texto corresponde a uma versão de comunicação apresentada no IX Seminário Nacional “Mulher e Literatura”, Belo Horizonte, de 22-24 de Agosto de 2001.

NOTAS

- 1 Cf. Homi Bhabha, *O local da cultura*.
- 2 “Deolinda da Conceição nasceu em Macau, em 1913, e morreu, em 1957, em Hong Kong. Foi professora de português em Macau e Hong Kong e, durante a Segunda Guerra Mundial, foi directora da escola portuguesa dos refugiados de Hong Kong. Viveu ainda em Xangai. No regresso a Macau fez parte da redacção do jornal Notícias de Macau, onde orientou o Suplemento Feminino, fez crítica literária e artística, crônicas de moda, editoriais e contos”. In Carlos Pinto Santos e Orlando Neves, *De Longe à China. Macau na Historiografia e na Literatura Portuguesas*, vol. 4. Macau: Instituto Cultural de Macau, 1996, p. 1339.
- 3 Deolinda da Conceição, *Cheong-Sam: A Cabaia*.
- 4 Cf. Wu Zhiliang, *Segredos da Sobrevivência: História Política de Macau*, p. 298.
- 5 Para ter informações mais detalhadas sobre a guerra ver: “50 anos da Guerra do Pacífico”, “Macau: Guerra em Paz” e “China:

memórias silenciadas”. In *Macau*, II série n.º 43. Macau: Gabinete de Comunicação Social de Macau, Novembro de 1995. Ver também António de Andrade e Silva. *Eu Estive em Macau Durante a Guerra*; Monsenhor Manuel Teixeira, *Japoneses em Macau*.

- 6 Deolinda da Conceição, *Cheong-Sam: A Cabaia*, pp.13-14.
- 7 *Ibidem*, p. 15.
- 8 *Ibidem*, p. 16.
- 9 *Ibidem*, p. 18.
- 10 *Ibidem*, pp. 27-28.
- 11 Cf. João de Pina Cabral e Nelson Lourenço, *EmTerra de Tufões. Dinâmica da Etnicidade Macaense*, pp. 60-61.
- 12 Ana Mafalda Leite, *Literaturas Africanas e Formulações Pós-Coloniais*. Maputo:Imprensa Universitária Universidade Eduardo Mondlane, 2003, p. 5.
- 13 Sinopse à edição brasileira de Tzvetan Todorov, *O homem desenraizado*. Trad. de Christina Cabo. São Paulo: Reccord, 1999.

BIBLIOGRAFIA

Bhabha, Homi. *O local da cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 1998.
 Cabral, João de Pina e Lourenço, Nelson. *EmTerra de Tufões. Dinâmica da Etnicidade Macaense*. Macau: Instituto Cultural de Macau, 1993.
 Conceição, Deolinda da. *Cheong-Sam: A Cabaia*. Macau: Instituto Cultural de Macau, 1995.
Macau, II série n.º 43. Macau: Gabinete de Comunicação Social de Macau, Novembro de 1995.

Silva, António de Andrade e. *Eu estive em Macau durante a Guerra*. Macau: Instituto Cultural de Macau e Centro de Estudos Marítimos de Macau, 1991.
 Teixeira, Monsenhor Manuel. *Japoneses em Macau*. Macau: Instituto Cultural de Macau, 1992.
 Wu Zhiliang. *Segredos da sobrevivência: história política de Macau*. Macau: Associação de Educação de Adultos de Macau, 1999.